

Este número da *Travessia* apresenta textos que percorrem variadas trilhas geográficas (Brasil, Itália, França, Argentina); perpassam distintos tempos (ontem e hoje, velhas e novas andanças) e se pautam por olhares plurais (integração, identidade, racismo, pastoral).

*Dario Spagnuolo*, com respaldo teórico, mostra-nos como a Itália, de país considerado de acolhida, passou a se caracterizar por seu reverso, adotando uma postura política abertamente xenófoba. Se anteriormente verificavam-se atos racistas isolados e com reprovação da sociedade, uma inversão de atitude marca as duas últimas décadas, transcorridas a partir da queda do Muro de Berlim, e para isso contribuiu enormemente a imprensa. Mais preocupante, porém, é o legado comprometedor dos mecanismos introduzidos no âmbito da legislação, colocando os imigrantes num patamar de cidadania inferior ao dos nacionais. Somado a isso, a existência de uma discriminação difusa contra os imigrantes levanta sérias dúvidas quanto a um possível processo de integração.

Dentre os imigrantes em território italiano, encontram-se os brasileiros, melhor dizendo, as brasileiras, pois, segundo dados oficiais do final de 2011, elas representavam mais de 70% dos que lá residiam regularmente. *Francesca Vietti* e *Sérgio Durigon*, sob forma de relato, nos falam dos brasileiros em Roma. Descrevem como surgiu a organização da coletividade a partir da Pastoral do Migrante e como esta se transformou num espaço de encontro e de apoio. Chamam atenção para o alto grau de vulnerabilidade que vivenciam muitos brasileiros – é relativamente elevado o número dos que se encontram em situação irregular –, confinados no espaço privado das residências, cuidando de idosos e/ou enfermos. Nos reverses que sofrem, há os que recorrem à Pastoral, mas muitos, por medo, calam-se.

Sob outras lentes, *Gisele Maria Ribeiro de Almeida* estudou os brasileiros na França. Sua preocupação foi a de compreender como ocorre a integração à sociedade francesa. Em virtude do caráter heterogêneo da “comunidade” e das distintas trajetórias, deparou-se com processos multifacetados e até mesmo paradoxais que misturam integração e discriminação.

*Maria Catarina C. Zanini* e *Miriam de Oliveira Santos* levam-nos ao interior do Brasil, mais precisamente aos descendentes de italianos no Rio Grande do Sul. Analisaram o papel da comida, que, escassa nos primórdios,

se transformou para as gerações futuras num demarcador da identidade étnica e símbolo de diferenciação cultural. Por sua vez, *Andréa Maria N. Rocha de Paula* nos conduz pelo norte de Minas Gerais, entre as voltas que o rio São Francisco dá. Em forma de narrativa, descreve as migrações de ontem e de hoje; suas trilhas e destinos, provisórios e sazonais; as idas e vindas do e no sertão; as transformações havidas e suas permanências – as perenes travessias para suprir as históricas carências do sertão.

No amplo mapa da reconfiguração dos circuitos migratórios da atualidade, *Bernarda Subrzycki* destaca um dos mais recentes destinos da migração Sul-Sul: os senegaleses na Argentina.

Por fim, dois outros textos, de *Leonir Mario Chiarello* e *Sidnei Marco Dornelas*, suscitam discussões de caráter mais abrangente. *Leonir*, através de um ensaio, discorre sobre a construção histórica da identidade do continente americano, a qual aparece determinada por traços dicotômicos. Em um primeiro momento, trata-se da assimetria de poder entre os colonizadores europeus e os autóctones e, depois, da assimetria entre o Sul atrasado e o Norte desenvolvido. Em meio ao processo, o autor ressalta o papel desempenhado pelas migrações históricas no continente e a importância dos movimentos migratórios atuais para a superação das dicotomias existentes.

*Sidnei*, no âmbito dos debates que hoje se travam no interior da Igreja em torno da necessidade de renovação, partindo do Documento de Aparecida e valendo-se da contribuição das ciências sociais, levanta a discussão em torno do território – território da paróquia –, tradicionalmente suporte e parâmetro da ação evangelizadora. Esgotado este modelo, quem concretamente o questiona é o migrante e quem aponta para um dos possíveis modelos de superação é a pastoral da mobilidade humana.

*Dirceu Cutti*